



Foto: Daniel Choma.

Entrevista com

Helena Francisca da Silva

FICHA TÉCNICA

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Ribeirão da Ilha, Florianópolis - SC.

Data: 02/07/2012

Participantes: Tati Costa (entrevista e captação de som); Daniel Choma (entrevista e câmera).

Projeto de origem da entrevista: Intergerações – artes do fazer e do lembrar.

Produção: Câmara Clara – Instituto de Memória e Imagem.

Projeto de origem da entrevista: Intergerações – artes do fazer e do lembrar.

Parcerias do projeto Intergerações (2012): Instituto 3 Vermelho – Ponto de Cultura Baleeira; Banda da Lapa – Ponto de Cultura Educação Musical Popular; Rádio Campeche – Ponto de Cultura TOCA; LIS – Laboratório de Imagem e Som – UDESC; Prêmio Ação Cultura Digital – Ação Cultura Viva - Ministério da Cultura – Governo Federal.

Produção do Projeto Intergerações (2012) e Acervo: Câmara Clara – Instituto de Memória e Imagem.

Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021): Tati Costa | Edição: Daniel Choma

MEMÓRIA RENDEIRA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

Projeto:



Apoio:



Realização:



ENTREVISTA COM HELENA FRANCISCA DA SILVA

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/helena>

TATI – A senhora é nascida onde?

HELENA - Campeche.

TATI –E o nome dos seus pais?

HELENA - Manoel Rafael Inácio e Francisca Paulina Inácio

TATI - Que ano a senhora nasceu?

HELENA - Eu sou de 1946.

TATI – E como foi sua infância ali?

HELENA - Foi legal, foi boa. Na praia, levando café e almoço para o falecido meu pai. Na roça também ajudando meu pai, naquela época, a criar todos os filhos. Ele sustentava com o sustento da praia, do peixe, tinha rede pesca que agora ficou com dois filhos: com o Getúlio e o Aparício. Os dois filhos dele, é separado, cada um tem a sua parte da rede. Não pode acabar, não é? Não pode deixar...

DANIEL – Como foi a sua infância lá no Campeche?

HELENA - Foi legal, foi! Foi boa. Pela época que se tem por agora...

TATI – Por quê?

HELENA - Olha... Porque antes não existia geladeira. Não existia fogão a gás, era fogãozinho à lenha. Não sei como é que pode, não estragava a comida. Não tinha geladeira, mas não estragava a comida! É... E a gente passava assim mesmo: carne se comia só quando tinha festa. Encomendavam a carne na casa da pessoa que matava o boi, aí a gente ia lá pegar carne, comprava. No mais a comida era peixe.

TATI – No dia-a-dia era peixe?

HELENA - No nosso café, de manhã, tinha muitas vezes que a gente comia... Meu falecido pai vinha da praia às dez horas, minha mãe estava fazendo caldo de peixe para nós todos. Botava na sala, todo mundo comia ali sentado na esteira. É, antes era assim... Agora, não está mais difícil, está melhor! Porque agora tem fartura, os filhos agora escolhem o que querem comer, não é? Antes ninguém podia reclamar. Se quisesse comer aquilo ali, come. Se não quisesse, não comia. É... Só tinha aquilo pra gente comer.

TATI – Além de peixe, o que mais comia? Era só o peixe, ou fazia feijão?

HELENA - Não, não. Minha mãe fazia feijão... Uma vez ou outra fazia carne, galinha que criava no terreiro. Não é igual agora, essas galinhas que a gente compra congelada. Como se diz: era galinha caipira.

TATI – O teu pai trabalhava na pesca?

HELENA - Toda a vida na pesca!

DANIEL – E a sua mãe? Trabalhava em quê?

HELENA – Minha mãe era de casa, trabalhava em casa. Lavava roupa, cuidava dos filhos, fazia comida, aquilo tudo!

DANIEL – E a senhora conheceu alguma rendeira, nessa época?

HELENA – Lá todo mundo fazia renda, até eu fazia!

DANIEL – Fazia?

HELENA – Ainda faço! Depois eu vou mostrar para vocês. Tenho um peixe ali pra levar pro Getúlio. É, eu fiz um peixe, está ali no quadro. Daqui a pouco eu mostro para vocês.

DANIEL – A senhora tem almofada, tudo?

HELENA – Tenho, está ali atrás!

[Corte]

[Comenta sobre uma peça de renda que ela fez]

TATI – Como que é feita, porque está tudo colorido?

HELENA – É a linha. A linha é colorida.

DANIEL – Bonito! A senhora tem almofada, bilro, tem tudo aí?

HELENA – Tem, vou mostrar para vocês. Essas aqui também eu fiz, olha que bonitinho!
[Mostra as peças de renda] Toalhas... Eu faço tudo no bilro...

TATI – Como chama essa?

HELENA – Perna cheia!

TATI – Diferente! Toda ela de perna cheia eu nunca tinha visto.

HELENA – Não tinha? Essa aqui tem a perna cheia e tem a trança, olha.

TATI – Que linda!

HELENA – Eu faço tudo, minha filha! Eu faço tudo, não custa fazer, não é? Em casa, se não tem nada para fazer eu estou na renda.

TATI – Que linda essa cor que a senhora escolheu!

HELENA – Eu faço. Chega à tarde, não tem nada para fazer, ou chega de manhã: eu vou armar renda.

TATI – Quantas horas leva para fazer uma peça dessa?

HELENA – Três dias... Essa daqui, quatro dias. Aquelas dali, uns três dias e pouco, por aí, depende... A outra pequena ali, dois dias e meio. Quando eu não tenho que sair. Quando eu saio fica tudo aí, depois eu faço quando venho de volta.

TATI – A senhora vende, também? Ou é mais para dar de presente?

HELENA – Não, não vendo. Mas tem muita coisa.

TATI – Essa aqui foi a senhora que fez, também?

HELENA – Não. Essa aí foi pegou lá da mulher, mas eu faço, também. Mas dessa aí não tenho pique. Pique sabe o que que é? Papelão. Vou mostrar para ti o que é o pique de renda... Tem esse peixe aqui que eu fiz também. Esse aqui é a branquinha que eu fiz, daquela que mostrei pra ti, daquela colorida ali. Peixe de tudo quanto é cor!

TATI – E o olhinho?

HELENA – O olho é branco, claro, eu faço com a perna cheia. Não tem como fazer diferente, tem que fazer assim.

TATI – Olha só, é tudo enfeitado com renda a casa.

HELENA – Tudo com renda! Aqui, lá, olha, aqui também. Pode olhar, tudo com renda!

TATI – Que legal!

HELENA – Aqui eu que fiz também.

TATI – Quantos pares de bilros leva o peixe?

HELENA – Depende... É quatro bilros pra fazer perna cheia, é assim, entendeu?

DANIEL – A senhora aprendeu renda com que idade?

HELENA – Oito anos, nove...

TATI – Quem te ensinou?

HELENA – Uma vizinha que fazia renda e morava perto da casa da minha mãe. Eu pedi a ela para me ensinar, daí ela mesmo fez a almofada para mim e eu ficava lá, aprendendo renda com ela e me ensinou. Daquela época para cá, com uns nove anos, por aí, não parei mais. Daí eu comecei a fazer, eu peguei o jeito, entende? É, peguei o jeito da renda.

DANIEL – Quando a senhora era criança, fazia sozinha, fazia em grupo?

HELENA – Era eu, a filha dela e ela. Cada uma com a sua almofada ali. Ela ia fazendo a dela e ia ensinando para nós, entende? Quem tivesse boa cabeça aprendia, não é?

TATI – Com aquelas mãozinhas rápidas dava para aprender?

HELENA - Dava, ô!

DANIEL – E fazia para vender aonde?

HELENA - Olha, neguinho, eu nunca fiz para vender! Eu dava para a mulher lá que vendia, dava umas para ela vender também. Mas quase não vendia. A gente vende a renda e eles não dão lucro, não dão valor. Eu fiz um bocado aí e dei para a minha filha vender, ninguém quis comprar, daí eu disse: “- Ah, então deixa.”

TATI – Mas a senhora faz hoje em dia para dar de presente, então?

HELENA - Faço para os filhos... As vizinhas, quando vêm aqui se admiram. Esses dias eu fiz o peixe, daquele ali, um branco. Dei para minha vizinha ali e dei mais umas duas rendas para ela.

TATI- *[Comentário sobre a renda que ela está a fazer durante a conversa]* Então a senhora faz uma trancinha, puxa a trancinha para lá... Aí a senhora faz outra trança, puxa ela pra cá e prende, é isso? Assim que vai?

HELENA - É, olha: para cá. Sabe por quê? Aqui não é a perna cheia, é uma trança. Aqui agora vai ser a perna cheia. Vocês gostam? Para a nossa alegria! A minha neta sabe, aprendeu a fazer a trança, a perna cheia...

DANIEL – Sua mãe fazia também?

HELENA - Minha mãe não. Minha mãe nunca fez renda. Fazia quando era solteira, ela conta. Contava, quero dizer. Mas depois de casada, não. Olha: aqui é a perna cheia, está vendo? Aqui é a trança. A trança faz barulho.

TATI – Quando a senhora fez a perna cheia a linha verde sumiu, ficou escondida!

HELENA - É, porque é colorida. Ficou aqui na trança, está vendo?

DANIEL – Queria saber, porque teve gente que falou que às vezes ficavam fazendo renda em grupo e cantava ratoeira...

HELENA – Ah! Isso nunca fui não. Isso era lá pra Lagoa da Conceição. Na Lagoa, na Freguesia também, não sei... Comigo não peguei isso aí.

DANIEL – Existia Terno de Reis quando a senhora era criança? Como que era?

HELENA - Existia! Eles chegavam de madrugada na casa lá da falecida mãe. A gente acordava todos para abrir a porta. Meu falecido pai abria a porta pro Terno de Reis.

TATI – E o que a gente tem que fazer se chegar um Terno de Reis na nossa casa? Como a gente recebe bem eles?

HELENA - Ah! Recebe bem. A gente deixa eles cantarem primeiro, ali a cantiga já pede. Antes era assim, agora que não: eles viam a porta fechada e pediam para abrir a porta. Agora não,

a gente agora vai sair nas casas de Terno de Reis, a gente já começa da entrada do canto, daí eles abrem a porta e ficam dentro de casa esperando. Eles pedem a oferta, o dono da casa dá a oferta. Daí eles agradecem a oferta... É isso!

TATI – A oferta o que é?

HELENA – Olha, a oferta eles dão dinheiro. Muitos dão dinheiro. Muitos dão bebida, vinho, champanhe, quando a gente não tem dinheiro, às vezes, dão também junto.

TATI – E sempre foi assim, dar dinheiro? Ou tinha outras coisas que dava de oferta antigamente?

HELENA – Antes, de oferta, eles davam ovo, davam farinha, feijão... Dava de tudo! Igual Bandeira do Divino quando sai nas casas, a mesma coisa! Bandeira do Divino se dá a esmola - que fala -, é a oferta também. Mas as pessoas que não tem dinheiro, então eles dão também, às vezes, um quilo de arroz, um quilo de açúcar, dão óleo...

TATI – E o que as músicas do Terno de Reis cantam, são de bênçãos? O que a música fala?

HELENA – É, fala dos santos: dos Santos Reis. Tem muitas que falam de São Sebastião. Falam dos santos da época do Terno, não tem? É!

DANIEL – E os Ternos de antigamente tinham quais instrumentos?

HELENA – Violão. Era violão, se não me engano, tinha gaita, parece... Não, era só violão. Violão e aquele negocinho que bate... Não me lembro muito bem, faz tanto tempo.

TATI – Esse dia que a senhora estava ali no Campeche, que a gente foi, a senhora participa com eles há bastante tempo?

HELENA – Olha, eu perguntei pro Elenir quanto tempo fazia que nós estávamos saindo com Terno, acho que é uns dez anos! Dez anos, por aí!

TATI – E a senhora sempre toca aquele instrumento... Como é o nome que a senhora falou?

HELENA – Eu digo que é um tambor, eu não sei direito... E quando não tem, quando eu não toco aquilo ali eu toco pandeiro para eles. Quando eles não podem ir, aí eu toco pandeiro. Até quando a gente foi na rádio do Campeche, quem tocou o pandeiro fui eu. A gente foi apresentar lá e fui eu que toquei o pandeiro. Tem aquele senhor dali, ele tirou até foto, tem CD e tudo!

DANIEL – A gente tem um CD desse, a gente comprou lá na Secretaria de Cultura.

TATI – Na Fundação Franklin Cascaes.

HELENA – Mas é mais dos outros, não é?

DANIEL – Tem um Terno de cada bairro, não é? Tem a senhora numa foto também.

HELENA – Isso. Eu estou em todas!

DANIEL – E vocês foram para um estúdio, para gravar?

HELENA - Não.

DANIEL – Não? Foi na rádio? Onde vocês gravaram?

HELENA - Não, calma. Vocês pegaram só a música que está naquele CD, não é? Nessa gravação eu não estava, a minha sobrinha que foi no meu lugar. Entendeu? Mas na capa estou eu.

DANIEL – Era bonito? A senhora tem recordação de quando o Terno de Reis chegava na sua casa, antigamente, a senhora se lembra disso?

HELENA - Olha, eu não me lembro muito não...

DANIEL – Não marcou sua memória essas coisas...

TATI – Porque a gente estava pensando se mudou o jeito de fazer Terno de Reis?

HELENA - Não... Mudar, mudou! Mudou por causa dos instrumentos. Porque não tinham esses instrumentos todos que tem agora. Entendeste? Agora tem pandeiro, tem gaita. O violão, é claro, sempre teve violão. Agora eles botam aquela rebeca e tudo! Antes eram menos instrumentos.

DANIEL – E o que a senhora sente quando está se apresentando lá?

HELENA – Ah, contente! Que pergunta! Contente, claro! Porque é uma coisa que a gente gosta. Coisa que a gente gosta que a gente faz!

DANIEL – Tem que ter força, porque fica várias...

HELENA - Tem que ter força na garganta para poder ter voz! Tu viu a minha voz? Meu Deus! Ele não viu ainda?

DANIEL – Eu fui acompanhar o Terno de Reis no Campeche, estava filmando.

HELENA - Eu não me lembro muito bem!

DANIEL – Estava de noite...

HELENA - Tinha tanta gente acompanhando, não é?

DANIEL – E esse ano estava bonito, tinha um coral, junto.

HELENA - Tinha um coral, mas o coral não foi nos outros lugares com a gente... A gente marcou direitinho e não foram. Nem lá na apresentação eles não foram, não tinha nenhum.

TATI – O coral foi só naquele dia?

HELENA - Não foi mais. Porque muitos trabalhavam também e iam viajar bem na época assim, de janeiro.

ENTREVISTA COM HELENA FRANCISCA DA SILVA

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/helena>

TATI – Quando que começa a cantoria de Terno de Reis?

HELENA – Olha, a cantoria de Terno de Reis já começa em dezembro. De Reis, mesmo, janeiro. E o Terno mesmo começa já em dezembro.

TATI – E ele vai a partir de quando até quando, daí?

HELENA – Até o dia de Santo Reis, muitos fazem até o dia de Santo Amaro. E lá no Campeche, eu lembro quando era pequena, eles cantavam no dia de Santo Amaro, que é dia 15 de Janeiro. Eles cantavam o Terno...

TATI – Haja fôlego!

HELENA – É!

DANIEL – E vai de que horas até que horas?

HELENA – Depende da gente. Depende de nós porque é muito cansativo, sabe? Muito cansativo!

TATI – Aquele dia foi até que horas?

HELENA – Aquele dia fomos até às duas... Que horas você saiu?

TATI – Umas onze e meia...

HELENA – Foi por aí... Fomos até uma e pouco, quase duas horas...

DANIEL – E quem participa do Terno de Reis do Campeche?

HELENA – Eu, o Elenir, que é meu irmão, o meu sobrinho que é o Pedrinho e o Lelo, que é o do pandeiro, mas ele não é da família não. E agora que está o João, no pandeiro também, é vizinho, mora lá perto da igreja.

DANIEL – E antigamente tinha mais gente, ou agora está ficando mais forte?

HELENA – Não, agora tem mais gente. Antigamente eram três pessoas, se não me engano. Agora não, agora tem bastante gente. Agora são seis.

DANIEL – E corre risco de desaparecer?

HELENA – O terno? Acabar com o Terno? Eu não sei, acho que sim. Nós é que não queremos deixar acabar. É uma cultura já, de muitos anos, entende? Muitos anos. É igual Bandeira do Divino... Uma senhora lá estava comentando que vai ter uma época que não vai ter mais ninguém para sair com a Bandeira do Divino. Igual o Terno de Reis, vai ter uma época que não vai ter mais ninguém para cantar. E foi igual à Bandeira, vai ter uma época que não vai ter mais ninguém para sair com a Bandeira do Divino, porque ninguém quer sair. Eu, então, estou em todas! Eu saio com essa daqui do Ribeirão e saio lá no Rio Tavares - lá do Ubirajara, da cachoeira do Rio Tavares, não tem? É, eu saio lá pras bandas do Campeche, a minha rota é pra lá! E os outros vão estar ali do Rio Tavares para a Costeira, pra lá.

TATI – Teve algum dia especial do Terno de Reis, que marcou a senhora, que a senhora sempre se lembra, que emocionou?

HELENA - Tem! Lá no Pântano do Sul, quando a gente foi. Porque tinha o rapazinho que estava acompanhando o Terno com a gente e chorou muito. Foi! Cada canto que a gente cantava, ele chorava. Cheguei em casa e ainda falei para o meu marido, ele ficava emocionado. Isso aí marcou muito. E lá no centro também é bem legal! Vocês nunca viram, nunca foram lá? Lá é bonito.

DANIEL – No centro em que dia apresenta?

HELENA - Dia 06 de Janeiro. Dois anos efetivos foi na Catedral, em frente à Catedral. Se deixar o telefone depois comigo eu telefono para você na data.

TATI – Esse no centro sempre fez? Na época que a senhora era criança já tinha?

HELENA - Olha, não... Eu não sei, não faz muito tempo que começaram.

TATI – Mas é bom porque se encontra todo mundo?

HELENA - É o encontro.

DANIEL – Quando a senhora era criança tinha muita história de lobisomem? As pessoas contavam?

HELENA - Não, não existia essas coisas! É fantasia!

DANIEL – Mas história tinha?

HELENA - História tinha, de bruxa, essas coisas...

DANIEL – E era muito diferente para a mulher, antigamente do que para hoje, do que ela podia fazer, se ela podia sair?

HELENA - Não, antes a gente não saía. Não! Só com o pai e com a mãe. É! Não saía sozinha igual agora que as meninas saem todas sozinhas. Antes não, era acompanhada, senão não saía de casa.

DANIEL – E tinha baile?

HELENA - Tinha.

DANIEL – Como eram os bailes?

HELENA - Os bailes não eram iguais esses de agora. Agora é esse negócio de funk, essas coisas todas, antes não era isso. Antes tinham aqueles bailes: era samba, valsa, essas coisas... Mais quieto, entende? Mas era legal, a gente fazia carnaval e tudo.

TATI – E não era no rádio, era tocado ao vivo?

HELENA - Isso, isso, não tinha nada de rádio.

ENTREVISTA COM HELENA FRANCISCA DA SILVA

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/helena>

DANIEL – E a senhora ia nos bailes?

HELENA - Às vezes minha mãe me levava.

DANIEL – E o carnaval de antigamente, era diferente?

HELENA – Era. Faziam nas casas, no clube, era diferente. Tinha concurso da rainha antes...

TATI – A senhora morou no Campeche até quando?

HELENA - Até o tempo que eu me casei. Casei com 17 anos e lá eu morei uns dois anos ou três, por aí, no Campeche, por lá mesmo. Daí eu saí, morei em tudo quanto foi lugar e vim parar aqui de novo.

DANIEL – E o Campeche mudou muito?

HELENA - Mudou por causa do pessoal de fora que, eu digo, invadiram... Porque não existia muita casa no Campeche, agora tomaram conta. Antes a gente saía, não tinha perigo sair à noite, entende? De dia, não tinha perigo. Agora, não dá para sair à noite no Campeche, é perigoso.

DANIEL – E o que a senhora achou desse progresso?

HELENA - Como está agora? Muito ruim! Porque antes existia peixe, bastante tainha. Quando o falecido meu pai dava lanço de tainha, era de 4 a 5 mil! Agora, nesse ano não mataram nada, não deu tainha no Campeche. Não foi só no Campeche, nos outros lugares também, todos reclamando...

DANIEL – A senhora tem saudades daquele tempo, ou não?

HELENA - Mais ou menos, mas era melhor do que agora. Hoje eu estava comentando com meu marido, o outro tempo era melhor do que agora!

[Fim da entrevista]